

A APREENSÃO DA FORMA DA CIDADE
(Kohlsdorf)

Professora: Dr^a. Sônia Afonso

Apresentação: Juliana Demartini

Data: 11/05/2004

INTRODUÇÃO

O interesse da autora pelo assunto não surgiu dentro da sala de aula, mas do estágio feito nas favelas de Vigário Geral e do Morro União, no Rio de Janeiro.

A partir deste interesse, Maria Elaine começa a desenvolver esta abordagem sobre a apreensão da forma dos lugares.

Assim, este trabalho é destinado a todos que atuam de alguma maneira sobre o espaço urbano, na teoria e na prática. Teoria sim, pois o espaço da cidade só poderá melhorar quando for considerado efetivamente integrante dos processos sociais, nos quais estão presentes os pesquisadores.

Para que fosse possível a aproximação científica, foi necessário realizar um trabalho de observação da cidade sob condições íntimas de convivência, abordando relações sócio-espaciais e realizando atividades junto aos habitantes até o momento de não mais serem considerados forasteiros.

IDÉIA, MÉTODO E LINGUAGEM

*Uma casa deve ser como uma cidade – ou não é
verdadeiramente uma casa; uma cidade deve ser como
uma grande casa – ou não é verdadeiramente uma cidade.*

Aldo van Eyck

IDÉIA, MÉTODO E LINGUAGEM

É válido antes de tudo, resgatar algumas idéias sobre a cidade como fenômeno.

Segundo Lewis Mumford, a vida cívica é apresentada como o atributo fundamental da cidade, pois nela estão articuladas funções simbólicas – como as atividades de troca (*urbs*) e administração (*civitas*), que fazem da cidade a *polis*.

De acordo com Singer¹, a cidade é definida a partir da produção de excedente alimentar, da existência de instituições sociais e de uma relação de domínio que assegure a transferência do produto do campo à cidade.

A essas características conferidas à cidade não se pode desvincular a componente arquitetônica, pois qualquer estruturação social não existe sem espaço.

Dessa forma, o espaço arquitetônico é definido como uma porção territorial onde se desenvolvem práticas sociais com uma gama de possibilidades muito diversificadas.

¹Cf. Paul Singer, Economia política da urbanização

IDÉIA, MÉTODO E LINGUAGEM

Dessa forma, observar a cidade como arquitetura, requer uma análise das modalidades do espaço transformado por ações humanas, especificada por suas características de extensão física e também do contexto histórico e dos traços analíticos.

Assim, as questões analíticas de apreensão do espaço da cidade localizam-se tanto em sua utilização, voltadas a aspirações sociais, quanto nas possibilidades de informação. Pois, os lugares possuem capacidade de transmitir mensagens que serão interpretadas como revelação de certos sinais codificados.



Vista Aérea de Florianópolis (SC) – Acervo pessoal

IDÉIA, MÉTODO E LINGUAGEM

A apreensão dos lugares é dada a partir de sua forma física, conforme diversas abordagens arquitetônicas e geográficas da cidade, e ainda nos estudos relacionados aos mecanismos cognitivos.

É preciso que se observe os lugares como composições plásticas – elementos relacionados em conjunto, ou ainda, *totalidades*.

As noções de composição e totalidade foram definidas pela Teoria da Gestalt, cuja tradução mais próxima seja “Teoria da Configuração”. A escola gestaltista distingue um objeto **com forma** de um **disforme**, pelo confronto entre *composição* e *aglomerado* (ambos possuem elementos relacionados, mas somente no primeiro se pode entender o sentido).

Serão apresentadas a seguir as três principais vertentes que observam o desempenho morfológico dos lugares para tipos diferentes de aspirações.

IDÉIA, MÉTODO E LINGUAGEM

1ª - Vertente: avalia a forma dos lugares por sua resposta a expectativas estéticas dos grupos sociais

A vertente estética é a mais antiga e defende que a arquitetura é uma realização humana, dotada de beleza.

Aqui está encaixado o Triângulo de Vitruvio: **venustas** (beleza) articulada à **firmitas** (resistência/durabilidade) e à **comoditas** (funcionalidade).

Nesta vertente a estética é fundamental para a arquitetura – a estética da forma arquitetônica está presente na obra de diversos teóricos até o século XVIII; a partir de então, abordagens tecnológicas, econômicas e sociológicas tendem a superá-la.

Existem, neste período, aspirações por beleza no espaço arquitetônico sem que, porém, as regras sejam universais, e sim, relacionadas sempre a grupos sociais concretos.

IDÉIA, MÉTODO E LINGUAGEM

2ª - Vertente: avalia a forma dos lugares por sua resposta a expectativas psicossociais

A vertente psicossocial observa como a forma dos lugares adquire sentido afetivo para seus usuários. Os estudos sobre essas relações surgem a partir do final da Segunda Guerra Mundial, principalmente na Inglaterra e Estados Unidos.

Nesta vertente, os lugares são caracterizados como hospitaleiros, alegres, frios, monótonos, estimulantes, entre outros adjetivos que expressam o afeto das pessoas com os lugares que freqüentam. Assim, o espaço oferece restrições e induções à maneira como os indivíduos reagem e se comportam.

A partir dessa vertente, pode-se colocar as expectativas emocionais em relação à configuração dos lugares como busca de condições favoráveis à segurança emocional, liberdade, estabilidade psíquica, interação social, etc.

IDÉIA, MÉTODO E LINGUAGEM

3ª - Vertente: avalia a forma dos lugares por sua resposta a expectativas de informação

A informação contida na configuração dos lugares divulgou-se principalmente através da abordagem do espaço como estrutura de signos e se identifica com a formação social da imagem do espaço, ou seja, a maneira como o espaço físico torna-se espaço social.



Av. Beira Mar Norte
Florianópolis (SC)

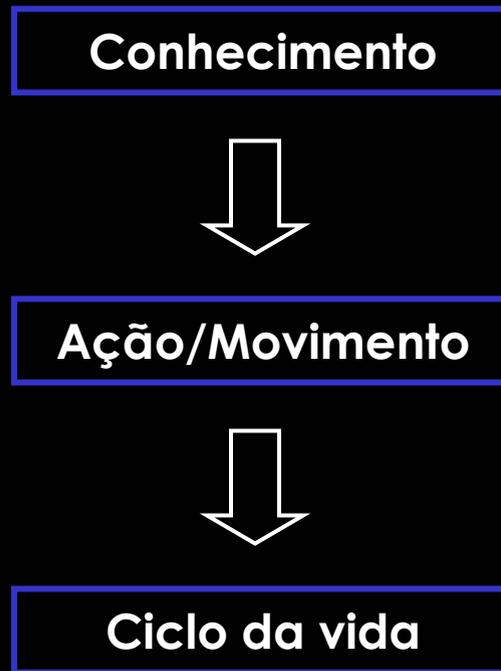
Acervo pessoal

A noção de composição como conjunto (organização dos elementos de configuração físico-espacial), é regida por certas leis. Em função disso, tem-se como hipótese que o conceito de conhecimento e a gênese de seu desenvolvimento possuem algumas características de universalidade que auxiliam a apreensão da forma dos lugares.

IDÉIA, MÉTODO E LINGUAGEM

O Processo Cognitivo

Conhecer significa certa maneira de se apropriar da realidade por meio do pensamento.



IDÉIA, MÉTODO E LINGUAGEM

Existem três etapas fundamentais para os processos de aprendizado:

1. **A Análise:** é a captura de informações e sua submissão à teorias. Seu objetivo é revelar regras de constituição e comportamento da realidade.
2. **A Síntese:** é o conjunto de operações mentais por meio das quais se passa dos **conceitos abstratos obtidos pela análise para a explicação dos fenômenos observados**. O conceito, uma vez formulado, precisa se referir ao objeto real para explicá-lo. É a passagem do abstrato para o concreto, através do pensamento.



3. **A Verificação:** testa as hipóteses para que se confirmem os fatos, ou não.

A Apreensão do Espaço Urbano

O espaço urbano se configura como uma *totalidade* complexa, formada por atividades, formas, significados e práticas sociais. A explicação dos lugares passa pela definição da sociedade que os contém.

As Sensações

As sensações são responsáveis pelo primeiro contato com os lugares e constituem-se na ligação mais próxima da consciência com a realidade. É a orientação do indivíduo no meio.

A Percepção

As sensações são a matéria-prima da percepção. A imagem percebida torna-se um retrato claro da realidade.

IDÉIA, MÉTODO E LINGUAGEM

As diferentes formas dos lugares colocam condições que podem ser distintas para a sua apreensão. Pois, os lugares possuem desempenhos cognitivos, ou seja, potencialidades específicas a serem entendidas pelos indivíduos.

Certos lugares podem responder positivamente a alguns atributos e negativamente a outros.

A ação sobre as informações do lugar provém de atividades fundamentais e interdependentes: a assimilação, a adaptação, a imitação e a identificação, se estabelecem como elos entre o indivíduo e o meio, garantido a afirmação e integração social.

A forma dos lugares é o meio mais importante de emissão de informações para a realização do conceito de espaço e, em sua recepção e interpretação, utiliza-se principalmente o sistema visual.

Logo, a análise dos espaços urbanos, em termos de identificação e orientação das pessoas, requer análises da forma a partir dos seus elementos visualmente relevantes.

IDÉIA, MÉTODO E LINGUAGEM

Os elementos e as relações características da percepção do espaço estão reunidas na *Técnica de Análise Seqüencial*, cujo objetivo é representar a passagem progressiva do visto para o percebido.

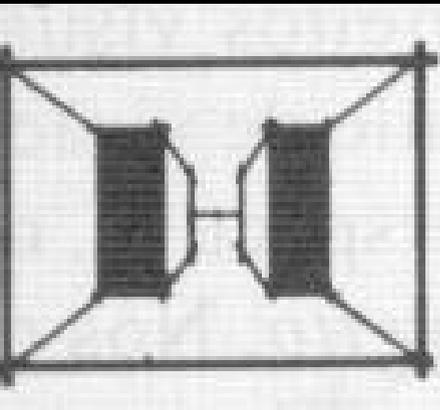
Esta técnica baseia-se em vários eventos, agrupados em três conjuntos:

- 1. Eventos Gerais:** encontram-se aqui as principais características seqüenciais derivadas da noção de movimento: as estações e os intervalos.
 - *Estações* são momentos durante o trajeto onde há registro perceptivo. As estações são definidas por *intervalos* de tempo e/ou espaço.
- 2. Campos Visuais:** cada estação é constituída por campos visuais, ou seja, uma porção de espaço abrangida pela vista do observador.
- 3. Efeitos Visuais:** representam a maneira como a realidade chega à percepção. Os efeitos visuais, como eventos da análise seqüencial, reproduzem a estruturação topológica e perspectiva do espaço percebido.

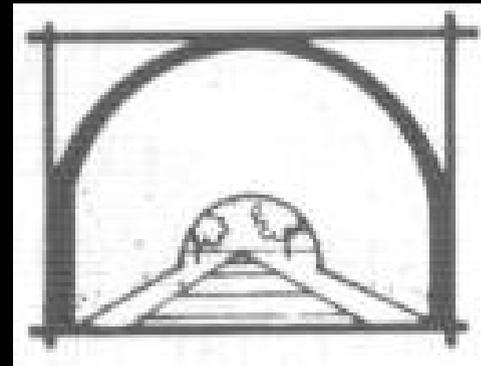
IDÉIA, MÉTODO E LINGUAGEM

Alargamento e Estreitamento: efeitos visuais, onde as paredes parecem se afastar ou se aproximar do observador.

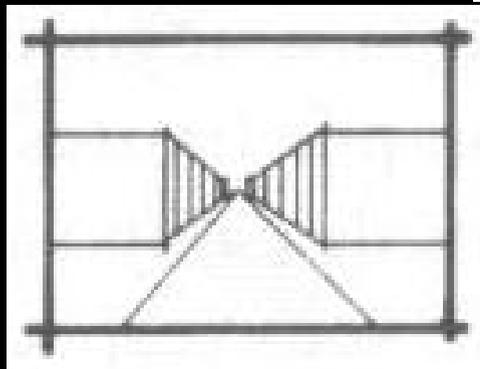
Envolvimento e Amplidão: o primeiro é experimentado em um espaço limitado por elementos físicos marcantes; a amplidão é o efeito oposto, experimentado em espaços onde os limites físicos encontram-se distantes ou são insignificantes.



Exemplo de Estreitamento
Fonte: KOHLSDORF, 1996.

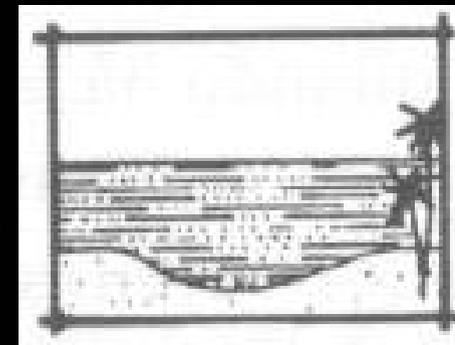


Exemplo de Envolvimento
Fonte: KOHLSDORF, 1996.



Exemplo de Alargamento
Fonte: KOHLSDORF, 1996.

Exemplo de Amplidão
Fonte: KOHLSDORF, 1996.



IDÉIA, MÉTODO E LINGUAGEM

Direcionamento: ocorre quando se enfatiza a continuidade longitudinal do espaço pela estrutura física bem definida pelos planos laterais.



Exemplo de Direcionamento

Maquete de Brasília – Acervo pessoal

IDÉIA, MÉTODO E LINGUAGEM

Impedimento: quando a visão é interrompida, porém, pode-se visualizar o final do campo.

Emolduramento: o campo visual é delimitado por um primeiro plano vertical vasado, que não interrompe a cena.



Exemplo Emolduramento: Sede do governo de Sacramento (USA) – Acervo pessoal

IDÉIA, MÉTODO E LINGUAGEM

Mirante: considerado um lugar onde se tem uma visão privilegiada, pois as condições de visualização são maiores e mais abrangentes.



Exemplo de Mirante: Florianópolis – Acervo pessoal

IDÉIA, MÉTODO E LINGUAGEM

Realce: é o efeito que tem como característica a atração do indivíduo para um determinado elemento que se destaca na cena observada.

Efeito em “Y”: a cena mostra uma bifurcação do espaço.



Exemplo de Realce

Central Park – USA / Acervo pessoal



Exemplo de Efeito em “y”

Time Square – USA / Acervo pessoal

IDÉIA, MÉTODO E LINGUAGEM

A imagem mental caracteriza-se por ser uma imitação interior, diferentemente da percepção, que é uma imitação pela ação dos mecanismos cognitivos.

Técnicas Tradicionais de Caracterização Imagética

São métodos geralmente empíricos, onde são utilizados procedimentos experimentais que envolvem a participação dos usuários do espaço.

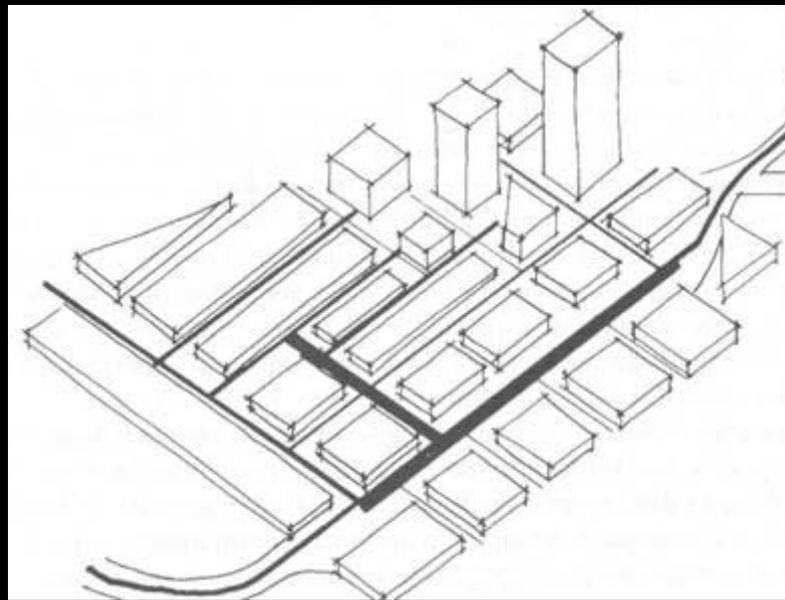
A seguir, serão apresentadas as estratégias mais utilizadas:

- a) **Mapas Mentais:** são “cartas subjetivas” nas quais são expressos os valores visuais da cidade;
- b) **Perfis de Polaridade:** são representações de imagem como uma síndrome conceitual diferenciada e com escala. Refere-se à qualidades atribuídas aos lugares abordados. Ex.: ordenado, estranho, bonito, etc.
- c) **Diferencial Semântico:** é semelhante à estratégia anterior, porém os atributos, neste caso, alocam-se por oposição. Ex.: feio-belo, etc.

IDÉIA, MÉTODO E LINGUAGEM

d) **Análise Visual Segundo Lynch:** esta técnica organiza os lugares mentalmente representados por intermédio de cinco elementos constantes em todo e qualquer espaço urbano existente:

1. **Caminhos:** são vários trajetos que o observador registra na imagem dos lugares. São básicos na formação das representações mentais, pois é por meio deles que as informações morfológicas são percebidas para a memorização.

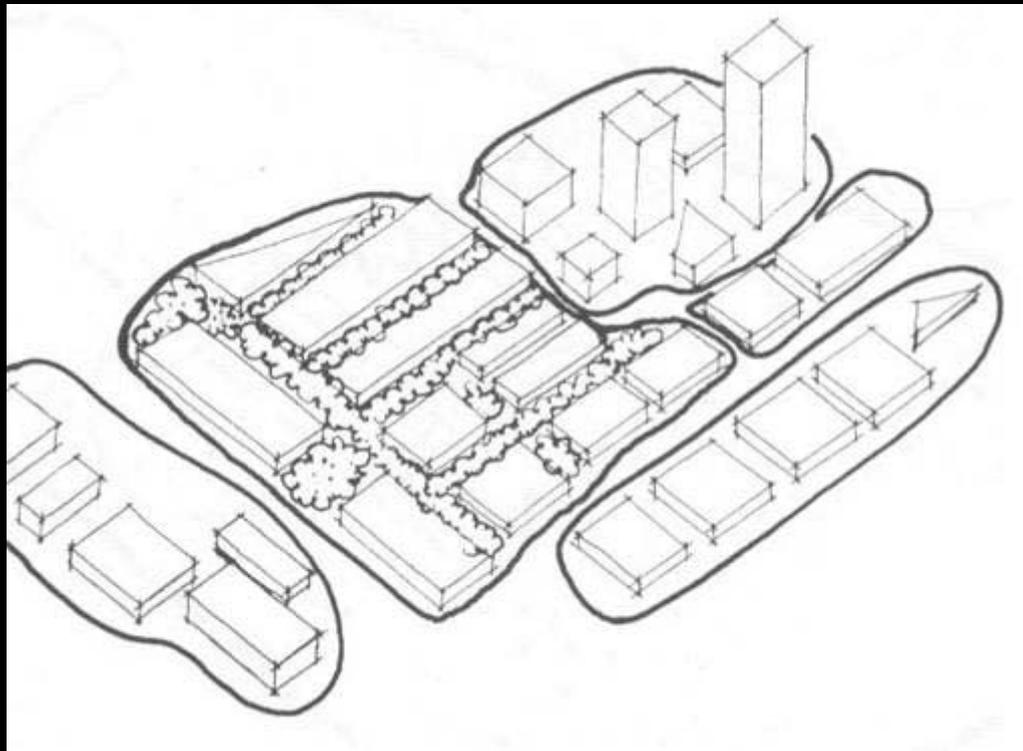


CAMINHOS

Fonte: KOHLSDORF, 1996.

IDÉIA, MÉTODO E LINGUAGEM

2. *Bairros*: são porções das áreas em estudo ou partes da cidade. Segundo Lynch, a principal característica do bairro é sua temática contínua, conjunto de formas, atividades e significados específicos, que o torna uma individualidade em relação aos demais.

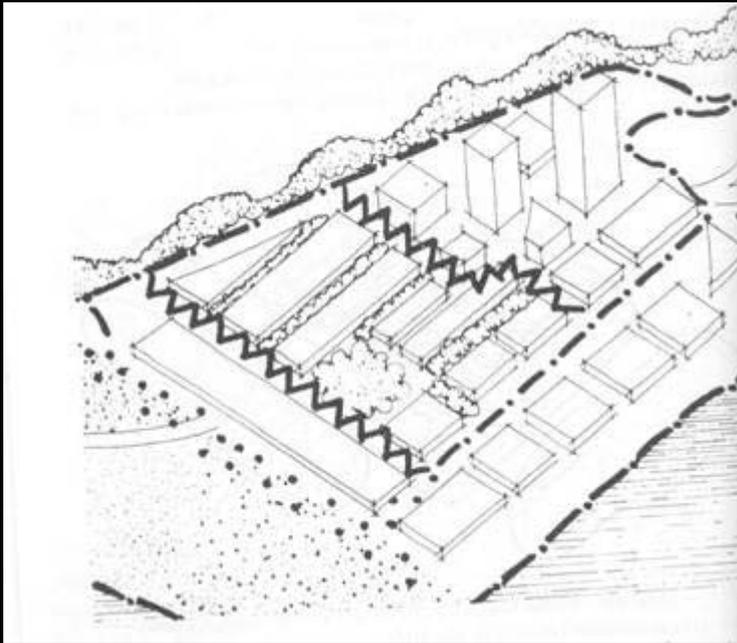


BAIRROS

Fonte: KOHLSDORF, 1996.

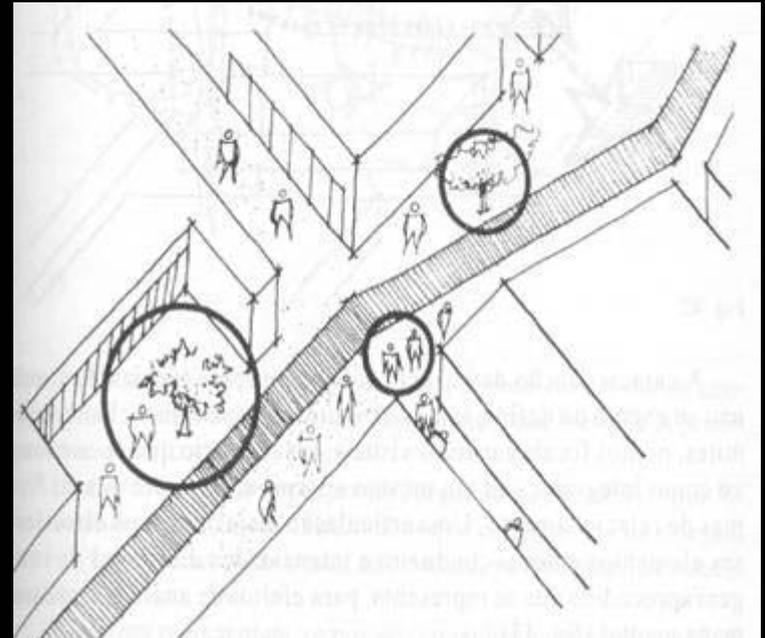
IDÉIA, MÉTODO E LINGUAGEM

3. *Limites*: são caracterizados como elementos lineares, constituem-se em rupturas entre duas partes do espaço urbano.
4. *Pontos Focais*: são elementos de imagem que na versão original de Lynch, caracterizam-se mais pelo uso do que pela forma dos lugares.



LIMITES

Fonte: KOHLSDORF, 1996.

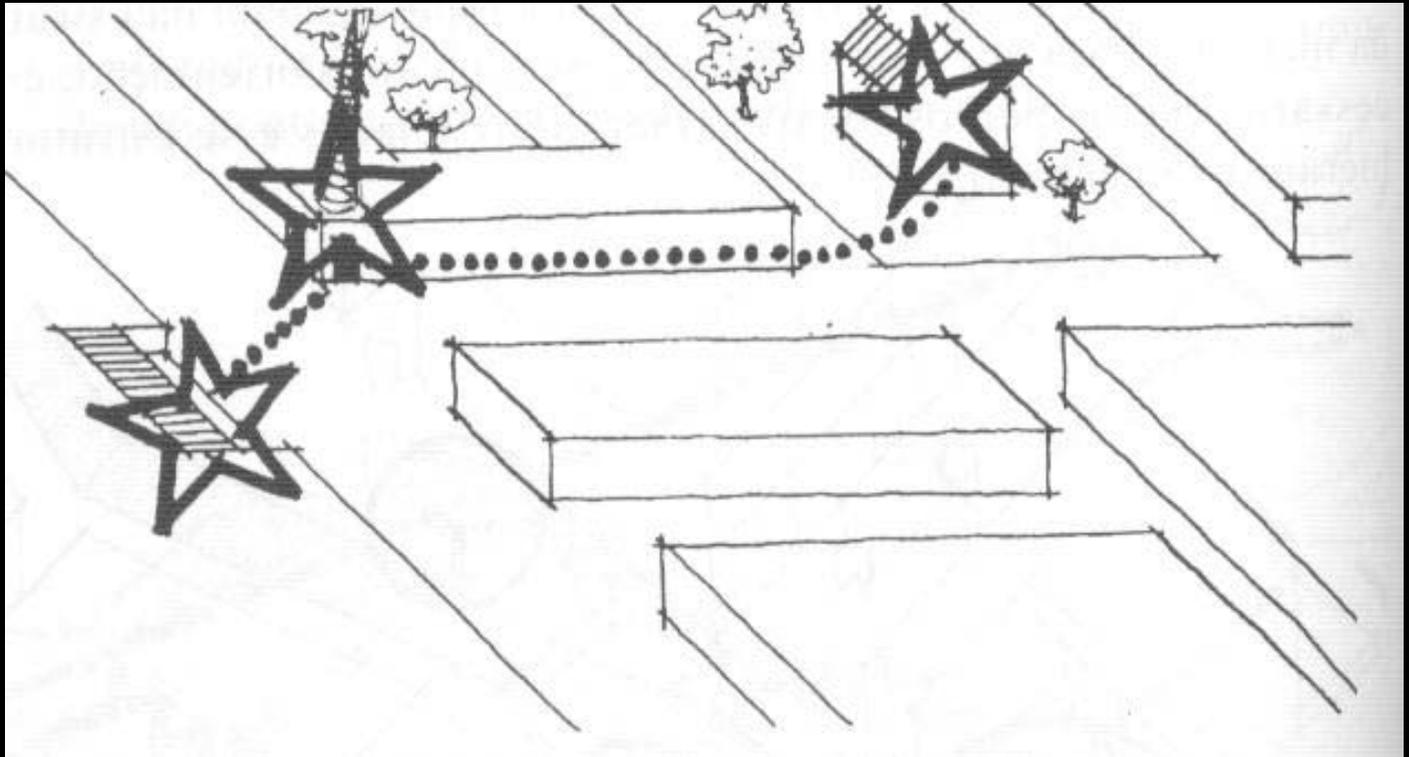


PONTOS FOCAIS

Fonte: KOHLSDORF, 1996.

IDÉIA, MÉTODO E LINGUAGEM

5. *Marcos Visuais*: são pontos de referência exterior ao observador. Suas principais características são a singularidade e o contraste em relação ao entorno, por isso, podem ser analisados pela relação entre figura e fundo.



MARCOS VISUAIS

Fonte: KOHLSDORF, 1996.

IDÉIA, MÉTODO E LINGUAGEM

Este nível possui dois grandes objetivos:

1. Trazer informações precisas, codificadas e já submetidas a toda sorte de elaborações possíveis, oferecendo possibilidades de uma aproximação íntima ao fenômeno estudado;
2. Definir com exatidão o referencial morfológico que foi objeto de percepção e de representação imagética.

A seguir serão apresentadas as técnicas de caracterização:

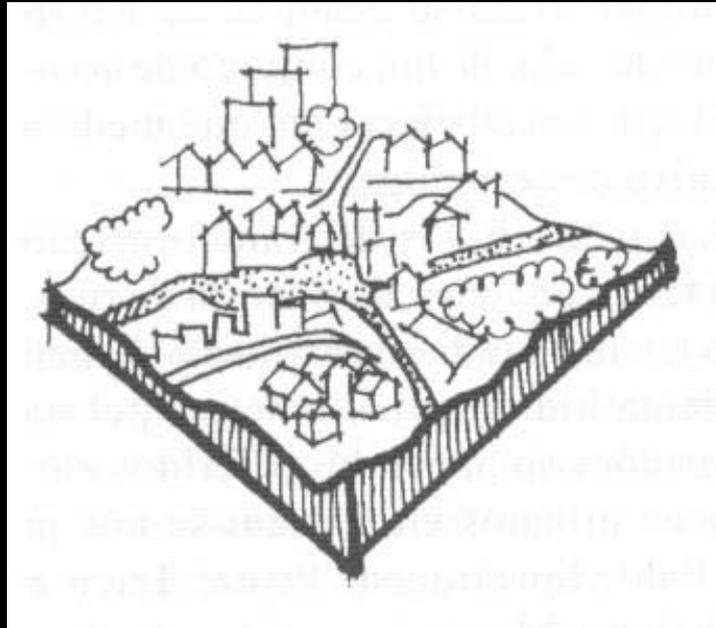
Técnica de Caracterização pelas categorias morfológicas estruturais do espaço urbano: Trieb e Schmidt utilizam a representação geométrica secundária do espaço para verificar as condições imagéticas das situações abordadas e realizar os respectivos projetos de modo a garantir a permanência de uma boa qualidade de sua imagem.

Dedicaram-se a formular os elementos estruturais do espaço urbano a partir de analogias com o espaço do edifício, afirmando uma correlação entre estes elementos.

IDÉIA, MÉTODO E LINGUAGEM

As seis categorias morfológicas estruturais de Trieb e Schmidt:

1. **Categoria Sítio Físico:** examina como o contexto de paisagem natural participa ou se ausenta da configuração dos lugares. Abrange elementos do meio físico, seja ele natural ou construído por ações humanas. Atua na configuração dos lugares através da composição plástica de determinados elementos do contexto paisagístico:
 - *Solo:* observa o papel do relevo da composição geológica;

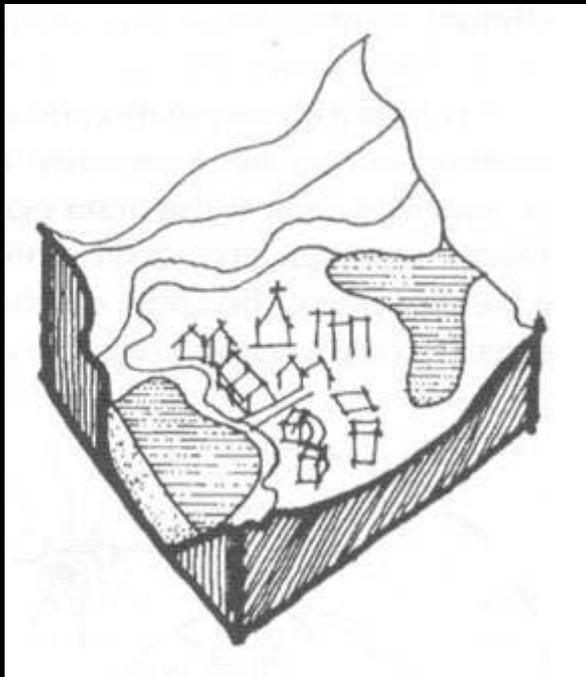


SOLO

Fonte: KOHLSDORF, 1996.

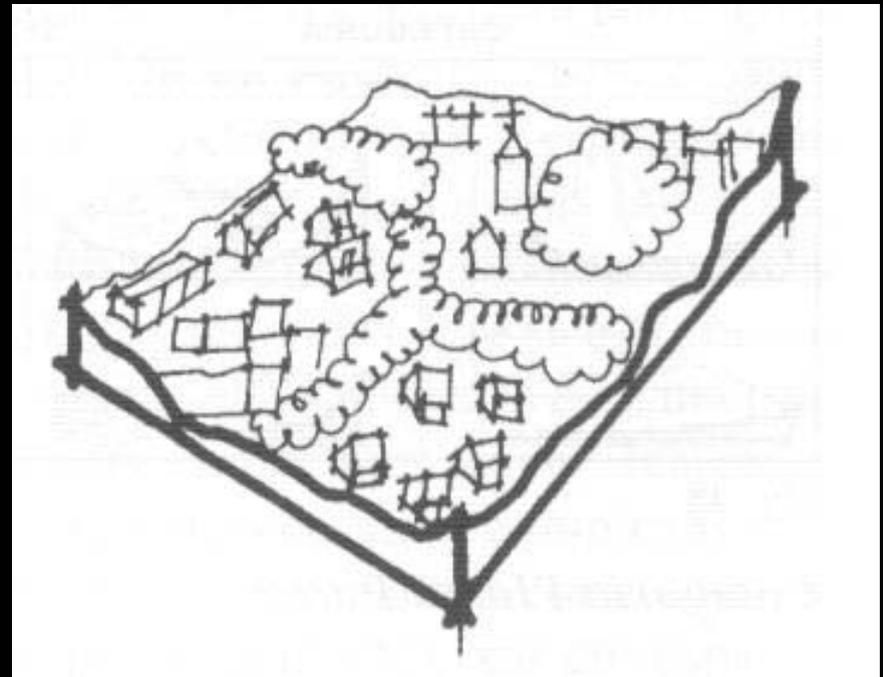
IDÉIA, MÉTODO E LINGUAGEM

- *Sistema Hídrico*: examina-se a configuração de rios, córregos, lagos, etc;
- *Vegetação*: a participação dos vegetais na configuração dos lugares deve ocorrer por meio de seus tipos mórficos (forma e proporção);



SISTEMA HÍDRICO

Fonte: KOHLSDORF, 1996.

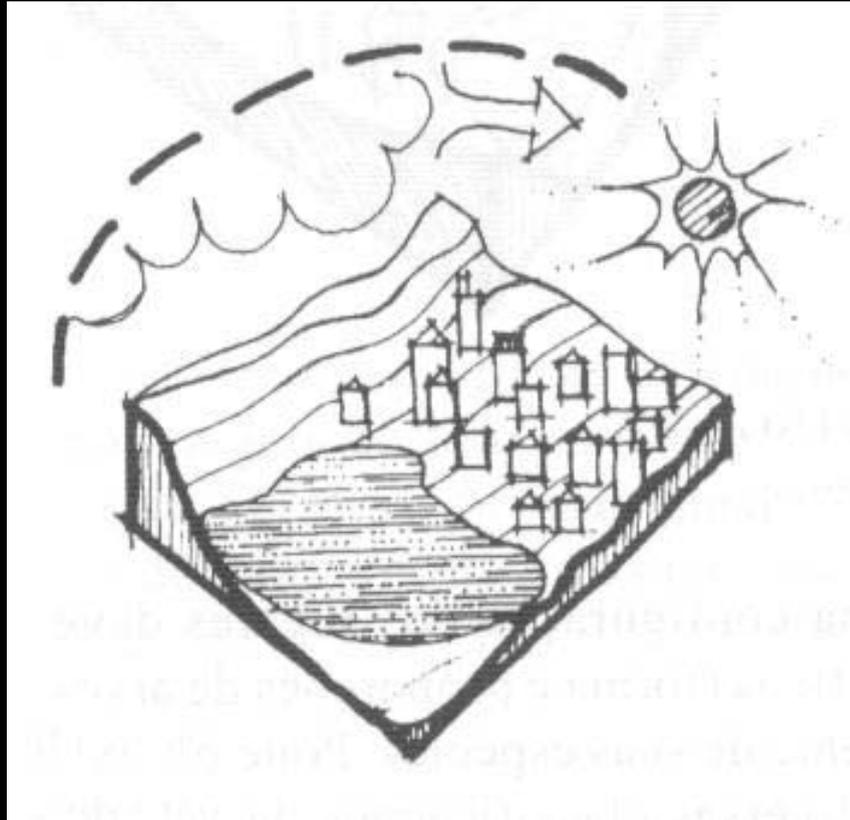


VEGETAÇÃO

Fonte: KOHLSDORF, 1996.

IDÉIA, MÉTODO E LINGUAGEM

- *Clima*: é o elemento de caracterização morfológica dos lugares na medida em que lhes comunica condições de luminosidade, sombras ou insolação que influenciam na percepção das formas.



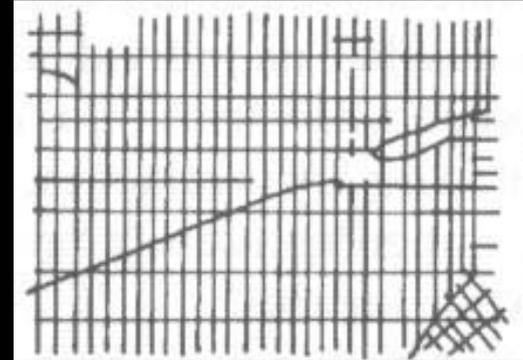
CLIMA

Fonte: KOHLSDORF, 1996.

IDÉIA, MÉTODO E LINGUAGEM

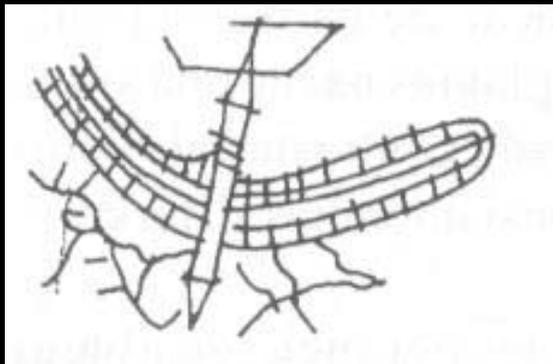
2. **Categoria Planta Baixa:** significa, por analogia, um corte analítico no espaço considerado, projetado ortogonalmente no plano horizontal. A configuração de planta baixa pode ser lida através de alguns elementos de análise:

• **Tipos de Malha:** são obtidos por colocação em evidência dos eixos dos canais de circulação em planta baixa, formando composição de linhas mestras;



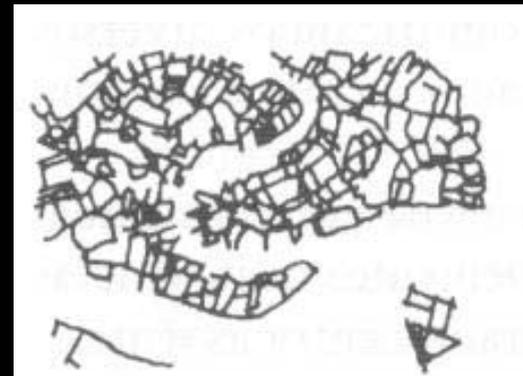
Malha - Nova York

Fonte: KOHLSDORF, 1996.



Malha - Brasília

Fonte: KOHLSDORF, 1996.

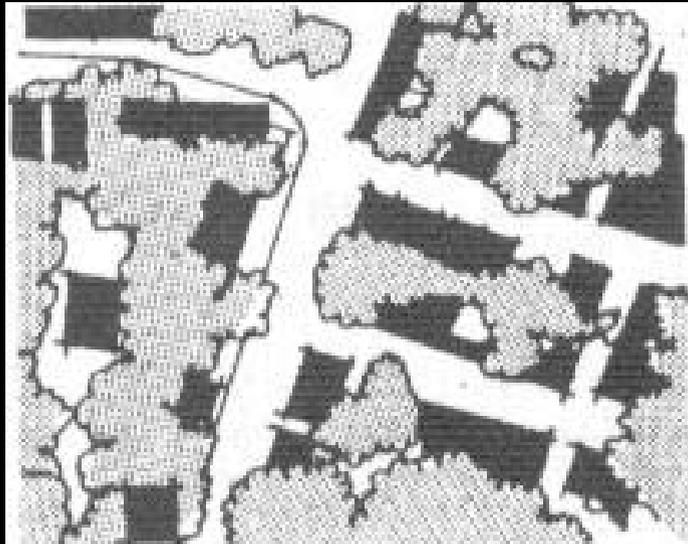


Malha - Veneza

Fonte: KOHLSDORF, 1996.

IDÉIA, MÉTODO E LINGUAGEM

- *Tipos de Parcelamento*: refere-se à maneira como o solo é dividido para vários tipos de ocupação, sejam edifícios ou áreas abertas;
- *Relações entre cheios e vazios*: procura se observar, neste elemento, a composição que se estabelece entre a base, formada pelo solo liberado de volume, e estes volumes – através de sua representação cartesiana no plano horizontal.



Cheio x Vazio

Fonte: KOHLSDORF, 1996.

IDÉIA, MÉTODO E LINGUAGEM

3. **Categoria Conjunto de Planos Verticais:** estuda a composição plástica das projeções ortogonais no plano vertical, que tradicionalmente fornecem cortes e fachadas. As silhuetas são analisadas por:
- *Linhas de Coroamento:* delimitam a silhueta em sua parte superior, definindo-as como figuras planas colocadas em contraste como o fundo;



Linhas de Coroamento

Centro de Florianópolis (SC) – Acervo pessoal

IDÉIA, MÉTODO E LINGUAGEM

- *Sistema de Pontuações:* representa os contrastes de altura na composição das silhuetas;



- *Linhas de Força:* ao contrário das anteriores, as linhas de força não são facilmente visualizáveis. Comportam-se como efeitos semelhantes aos campos magnéticos, pois referem-se à estrutura de forças na composição plástica das silhuetas e formam-se a partir das pontuações.

Sistema de Pontuações

Nova York - USA

Acervo pessoal

IDÉIA, MÉTODO E LINGUAGEM

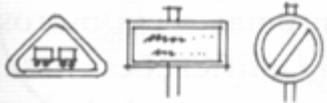
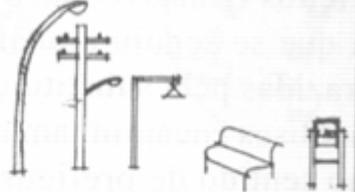
4. **Categoria Edificações:** observam-se nesta categoria, os atributos morfológicos dos edifícios localizados na situação considerada, através de:

- *Relações Intervolumétricas;*
- *Relações da edificação com o lote e o espaço público;*
- *Volumetria;*
- *Fachadas;*
- *Dimensões;*
- *Proporções;*
- *Zoneamento;*
- *Coroamento;*
- *Aberturas;*
- *Materiais, cores, texturas e elementos decorativos.*

IDÉIA, MÉTODO E LINGUAGEM

5. **Categoria de Elementos Complementares:** contém os demais elementos de configuração do espaço urbano, como construções menores entre outros. São, às vezes, os principais responsáveis pela imagem dos lugares. Esta categoria utiliza os seguintes elementos de classificação:

- *Elementos de Informação Apostos:* elementos de sinalização e propaganda;
- *Pequenas Construções:* Bancas de revistas, abrigos de transporte coletivo, etc.
- *Mobiliário Urbano:* bancos de logradouros, lixeiras, postes, etc;

CATEGORIA ELEMENTOS COMPLEMENTARES		
ELEMENTOS DE INFORMAÇÃO	PEQUENAS CONSTRUÇÕES	MOBILIÁRIO URBANO
		

Quadro de Síntese

Fonte: KOHLSDORF, 1996.

IDÉIA, MÉTODO E LINGUAGEM

A satisfação das necessidades de orientação e identificação do indivíduo nos lugares tem requisitos configurativos que constroem capacidades de certas situações e podem atender satisfatoriamente ou não aos anseios topoceptivos.

Dessa forma, deve-se primeiramente definir as relações entre as classes de análise do nível de representação geométrica secundária com cada um dos dois primeiros níveis de apreensão dos lugares, para então, examinar-se o desempenho topoceptivo de suas representações.

Os parâmetros para a satisfação da necessidade de orientação do indivíduo, baseiam-se no equilíbrio harmônico da quantidade de informações.

Parâmetros de Avaliação Topoceptiva

A capacidade topoceptiva do espaço apresenta-se em graus diferentes como forte orientabilidade ou identificabilidade fraca – possibilidades que se realizam por uma série de estratégias de composição plástica.

A tradição de avaliação morfológica ainda encontra-se frágil e recente, mas já existem elementos que permitem classificar estes parâmetros de avaliação topoceptivas:

1º Grupo – Qualidades Semânticas: aborda a forma dos lugares como um sistema de signos;



IDÉIA, MÉTODO E LINGUAGEM

A principal qualidade semântica é a **Legibilidade**, que por sua vez, utiliza-se de três outras qualidades:

- **Pregnância:** relaciona-se ao registro de um objeto de maneira indelével. A Teoria da Gestalt apóia-se na lei da pregnância como condição que possibilita a percepção das totalidade;
- **Individualidade:** modo singular e inconfundível de como é determinada a forma apresentada;
- **Continuidade:** é um arranjo das partes de um sistema de elementos interdependentes fornecida por um sistema estrutural invariável.

IDÉIA, MÉTODO E LINGUAGEM

2º Grupo – Fenômenos de Configuração: de acordo com Trieb e Schmidt, existem quatro pares de elementos que formam este grupo:

- a) *Unidade x Diversidade:* estabelece o grau de semelhança ou diferenciação entre elementos, relações e atributos das composições plásticas;
- b) *Comum x Especial:* mostra o grau de contraste entre elementos, relações e atributos das composições plásticas;
- c) *Tipo x Metamorfose:* apresenta o grau de distanciamento dos elementos, relações e atributos das composições plásticas, dos seus respectivos tipos originais;
- d) *Continuidade x Mudança:* estabelece o grau de transformação de elementos, relações e atributos das composições plásticas, independente da permanência de tipos.

IDÉIA, MÉTODO E LINGUAGEM

3º Grupo – Leis de Composição Plástica: são leis de organização das formas que examinam a natureza e as relações entre seus componentes, partindo do princípio de que toda configuração é uma totalidade produzida pela articulação de elementos morfológicos entre si.

BIBLIOGRAFIA:

KOHLSDORF, Maria Elaine. A Apreensão da Forma da Cidade. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1996.